

AS RAÍZES DAS RELAÇÕES DE PODER SOBRE A MULHER E A NATUREZA NO CRISTIANISMO

*Emmanuel Ramalho de Sá Rocha**

RESUMO

Para o ecofeminismo, as relações de poder entre homem e mulher, humano e natureza estão conectadas, pois ao longo da história inúmeras culturas associaram simbolicamente a mulher com o mundo natural, e o mesmo se verifica no Cristianismo. Essa visão cristã tem raízes em um sistema de pensamento dualista presente na antiga filosofia grega e no Judaísmo. Esse artigo busca identificar e compreender nesses dois elementos formadores do Cristianismo os aspectos que contribuíram para a construção de um conjunto de crenças que promove relações de poder entre o masculino/humano sobre o feminino/natureza na tradição cristã. A pesquisa conclui que a influência judaica na formação do antropocentrismo e androcentrismo cristãos pode ser encontrada, por exemplo, nos relatos cosmogônicos que introduzem uma ordem em pares de opostos e autorizam a dominação humana sobre os animais e plantas, e do homem sobre a mulher, além do conjunto de leis mosaicas que legitimam a opressão de mulheres, animais e terras. Por sua vez, a filosofia helênica, por meio do pensamento platônico, influenciou não só nos trabalhos de Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e outros intelectuais da doutrina cristã, mas também é notável nos sermões de Paulo. Como metodologia, o marco teórico é, predominantemente, literatura ecofeminista; o trabalho faz uso de pesquisa bibliográfica e a forma de abordagem é qualitativa.

Palavras-chave: Gênero; ecologia; ecofeminismo.

* Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

INTRODUÇÃO

Segundo Joan Scott (1990, p. 21), gênero é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Ainda segundo Scott (1990), entre os elementos do gênero relacionados entre si na configuração de relações sociais estão os símbolos culturais; os conceitos normativos desses símbolos através da limitação de interpretações de seus sentidos; uma noção do político, por meio das instituições sociais; e as identidades subjetivas. Ainda segundo Scott, as religiões têm a capacidade de normatizar os símbolos, por exemplo, aqueles que dão sentido ao que é masculino e feminino, portanto, explícita ou implicitamente, estabelecem e delimitam regras de relações sociais de gênero.

Tomando como exemplo o Cristianismo, isso fica evidente na figura de Maria, que apesar da enorme importância e valorização desta entre Católicos, a qualidade da valorização dada a Maria como símbolo é a submissão feminina (ALVES; SANFELICE, 2011). O Cristianismo contribuiu na construção histórica de uma identidade feminina hierarquicamente inferior no Ocidente, para Simone de Beauvoir (1948, p. 118), “A ideologia cristã contribuiu não pouco para a escravidão da mulher”.

Também, a perspectiva de que uma das razões dos problemas ambientais contemporâneos, e da crença na superioridade do ser humano em relação aos outros seres vivos, em parte se deve ao Cristianismo, foi mais reconhecida a partir da palestra proferida por Lynn White Jr, em 1966, e posteriormente publicada em artigo sob o título de *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis*, sendo decisiva para expandir o debate crítico acerca do tema e possibilitar que outros estudiosos, mesmo teólogos cristãos, a exemplo de Leonardo Boff, concordem com tal perspectiva.

O Cristianismo, em contraste absoluto ao antigo paganismo e religiões da Ásia (exceto, talvez, o Zoroastrismo), não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, mas também insistiu que é a vontade de Deus que o homem explore a natureza para seus próprios fins [...] Ao destruir o animismo pagão, o cristianismo tornou possível explorar a natureza em um



clima de indiferença para com os sentimentos dos objetos naturais (WHITE, 1966, 1205, tradução nossa).

Para o ecofeminismo, as relações de poder entre homem e mulher, humano e natureza estão conectadas, pois ao longo da história de inúmeras culturas há uma associação simbólica da mulher com o mundo natural, e isso também ocorre no Cristianismo. Porém, para Rosemary Radford Ruether (1974), o Cristianismo não iniciou essa visão de mundo que aliena o homem da mulher e o humano da natureza – nem iniciou essa relação de alienações aparentemente impossível entre gênero e mundo natural – para ela, essa visão tem raízes em um sistema de pensamento dualista presente na filosofia helênica e no Judaísmo, elementos formadores do Cristianismo (PLUMWOOD, 1993; RUETHER, 1978).

Assim, esse artigo busca identificar e compreender elementos do dualismo na antiga filosofia grega e no Judaísmo que contribuíram para a formação de um conjunto de crenças que promove relações de poder entre o masculino/humano sobre o feminino/natureza no Cristianismo.

A pesquisa concluiu que a influência judaica na formação do antropocentrismo¹ e androcentrismo² cristãos pode ser encontrada, por exemplo, nos relatos cosmogônicos que introduzem uma ordem em pares de opostos e autorizam a dominação humana sobre os animais e plantas, e do homem sobre a mulher, além do conjunto de leis mosaicas que legitimam a opressão em que mulheres, escravos, animais e terras estão todos conectados sob o controle de um homem. Por sua vez, a filosofia helênica, por meio do pensamento platônico, influenciou não só nos trabalhos de Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e outros intelectuais da doutrina cristã, mas também é notável nos sermões de Paulo³ a característica dualidade depreciativa entre corpo/espírito.

1 O antropocentrismo, do ponto de vista ecofilosófico, ao por o ser humano no centro do mundo o vê como superior e exterior à natureza.

2 O androcentrismo considera o homem e os aspectos culturalmente considerados masculinos em uma sociedade dada como modelos e normas universais.

3 Esses sermões são, na verdade, escritos considerados Paulinos ou atribuídos a Paulo.



A pesquisa faz uso, predominantemente, de literatura ecofeminista ou que possua elementos em comum com essa perspectiva. “Feminismo e ecologia perguntam às religiões o que estão fazendo das mulheres e o que estão fazendo do corpo da Terra” (GEBARA, 1997), porém o ecofeminismo consegue perceber a conexão cultural e histórica do que se tem feito com mulheres e natureza. Necessário ressaltar que rejeita-se nessa pesquisa as perspectivas ecofeministas essencialistas em favor das construtivistas. Como metodologia, o trabalho faz uso de pesquisa bibliográfica e a forma de abordagem é qualitativa em função das características do tema estudado (crenças, valores, atitudes, etc).

1. Dualismo

A associação simbólica e mitológica da mulher com a natureza é histórica e culturalmente diversa. Segundo Rosemary Ruether (1994), um elemento chave na identificação do feminino com a natureza nas primeiras sociedades humanas está no papel reprodutor da mulher, no seu trabalho de cuidar dos filhos e na produção de alimento. Esse padrão é constatado desde antigas manifestações religiosas:

A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica [...] A fecundidade feminina tem um Modelo cósmico: o da Terra *Mater*, da Mãe universal (ELIADE, 1992, p. 71-72).

Ruether (1994) alega que os homens – considerando as variações de padrões culturais – geralmente trabalhavam em atividades de maior prestígio e mais ocasionais, possibilitando mais tempo de lazer; isso criou as bases sociais do monopólio masculino sobre a cultura, reforçando o caráter prestigioso de suas atividades e a inferioridade das atividades femininas. A relação homem e cultura também é reconhecida em diversas mitologias, em oposição à Mãe Terra estavam os Pais Celestes que regiam sobre elementos tipicamente culturais, como leis e costumes:

Os deuses celestes [...] são os senhores dos cursos dos astros. As regras fixas às quais estes evidentemente estão ligados fazem com que esses deuses, com muita frequência, estendam seu domínio a tudo aquilo que tem ou deveria ter regras fixas, como, sobretudo, à justiça e aos bons costumes (WEBER, 2004, p. 286).

Essas associações posteriormente se desenvolveram em um pensamento dualista que delimitava um valor positivo e de dominação entre um segmento de binômios associados ao homem/cultura – como razão e espírito – sobre binômios desvalorizados associados à mulher/natureza – por exemplo, emoção e corpo. Assim, a relação de dominação e submissão é o que define o dualismo – que é aqui especificamente analisado apenas na civilização Ocidental – esse dualismo, para muitas autoras ecofeministas (GEBARA, 1997; KING, 1997; RUETHER, 1974) é um dos aspectos basilares da opressão humana na civilização ocidental e é o que faz a subordinação das mulheres estar intimamente ligada à opressão da natureza, étnica, de classe, de nacionalidade. O pensamento dualista se manifesta de diferentes formas nas relações religiosas, políticas, domésticas e em todas as outras áreas da vida social.

No caso da religião cristã, o dualismo provém de suas raízes gregas e hebraicas, como explica Ruether (1974, p. 43-44, tradução nossa):

O Cristianismo, como herdeiro tanto do neo-platonismo clássico e judaísmo apocalíptico, combina a imagem do Deus guerreiro masculino com a exaltação do intelecto sobre o corpo [...] Todas as dualidades básicas – a alienação do corpo pela mente; a alienação do mundo objetivo pelo eu subjetivo; o retiro subjetivo do indivíduo, alienado da comunidade social; a dominação ou rejeição na natureza pelo espírito – todas elas têm raízes na herança religiosa apocalíptico-platônica do Cristianismo clássico.

É essa herança de alienações que será investigada a seguir, partindo da influência judaica.

2. Dualismo judaico

Embora o dualismo judaico não seja tão aparente e estruturado quanto o Platônico, e o binômio cultura/natureza seja mais sutil (RUETHER, 1974, 1978), ainda assim é possível identificar, através de uma análise atenta, por exemplo, do Velho Testamento, os padrões binários de dominação. Desde o princípio da narrativa cosmogônica judaica é introduzido uma ordem em pares de opostos: céu e terra, luz e trevas, dia e noite, sol e lua (luminares), plantas e animais, homem e mulher (BÍBLIA, Gênesis, 1:1-27).

Logo em seguida é dada a autorização por Jeová para a dominação humana sobre os animais e as ervas (BÍBLIA, Gênesis 1:28-29), e após a desobediência de Eva por comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, assim, ser responsabilizada por trazer o sofrimento ao mundo, lhe é dita que será dominada pelo homem (*Ibid.*, 3:1-16).

Para Joseph Campbell (1990), a própria árvore do conhecimento do bem e do mal é o símbolo desse sistema de pares de opostos. O Jardim do Éden é o lugar da unidade, porém quando homem e mulher comem do fruto, tomaram conhecimento não apenas do bem e do mal, mas também do masculino e do feminino – por isso sentem vergonha um do outro (*Ibid.*, 3:7) – e de toda a dualidade que só existe fora do Jardim, assim sendo expulsos.

Há também a dualidade expressa em Caim e Abel, que corresponde a fatos históricos e traços sociológicos do povo hebreu. A oferta de um animal por Abel como sacrifício a Deus é aceito, enquanto que os frutos de Caim foram rejeitados. “Este é o mito de um povo caçador ou pastor, que chega a um mundo em que prevalece a cultura do plantio e denigre o povo por ele conquistado.” (CAMPBELL, 1990, p. 119).

Esse era o povo de Canaã, que se dedicava mais ao cultivo da terra, portanto tendo uma mitologia orientada para a natureza, o que resultava que uma das principais entidades de seu panteão fosse uma deusa, Astarte, e associada a ela estava a serpente. Povos pastores, portanto nômades, como os hebreus, têm uma mitologia



orientada para o social, não o natural. Dessa forma, a mitologia hebraica, socializada e procurando se distanciar dos costumes cananitas, cria uma aversão à natureza e à mulher (*Id.*, 1990, 2002).

Isso gerou uma lei patriarcal – as leis mosaicas – de opressão em que mulheres, escravos, animais e terras estão todos conectados, todos trabalhando sobre o controle de um homem chefe de família (RUETHER, 1994). Esse sistema é claramente legitimado no décimo mandamento bíblico: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.” (BÍBLIA, Êxodo 20:17).

No mesmo período histórico em que o judaísmo alienava o indivíduo do mundo e o homem da mulher, a filosofia clássica grega fazia o mesmo. Segundo Ruether (1979, p. 48, tradução nossa). “Como os profetas, os filósofos repudiavam os antigos Deuses da natureza em suas formas sexuais de divindades masculina e feminina, sendo a masculinidade vista sem corpo e intelectual”.

3. Dualismo platônico

Val Plumwood (1993) identifica a primeira estrutura desenvolvida do dualismo ocidental no racionalismo helênico. Ela investiga a história da filosofia Ocidental desde os gregos como a construção de uma identidade masculina dominadora através da razão, hiperseparada de seu próprio corpo, das mulheres, de suas emoções, dos outros seres orgânicos e inorgânicos na Terra que o sustenta.

Contudo, a concepção Platônica de razão, além da identidade masculina, se sustenta em uma identidade de mestre definida em termos de dominação não apenas do feminino, mas também do animal e do escravo. Embora tenha surgido entre ambientalistas e historiadores contemporâneos a visão de que os clássicos gregos estejam cheios de sabedoria ambiental, as discussões de Platão sobre o mito da Mãe Terra ou Gaia em “A República”, na verdade, não visam promover um pensamento

ecológico, mas a aceitação de seus deveres sociais ou do militarismo (PLUMWOOD, 1993).

O mesmo ocorre com o suposto feminismo Platônico na mesma obra ao defender a igualdade entre homens e mulheres como guardas. No entanto, também em “A República”, há constantes referências depreciativas não só às mulheres, mas a um conjunto de características consideradas femininas, mesmo que se expresse em homens, como emoções sem controle, incompetência, fofoca e uma natureza inferior não compatível com a esfera pública (PLUMWOOD, 1993).

Em “*Timaeus*”, Platão vê o cosmos como a forma racional masculina regendo sobre o *chaos*, a matéria irracional feminina, fonte de má moral e natureza animal (PLUMWOOD, 1993). A influência do pensamento Platônico, especialmente em *Timaeus*,

Não apenas antecipa grandes aspectos do Cristianismo, mas, sem dúvida, foi uma enorme influência em sua formação [...] Elaborações do pensamento Platônico nos trabalhos de Aristóteles, Plotino, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e outros formaram as fundações intelectuais da doutrina cristã (PLUMWOOD, 1993, p. 89, tradução nossa).

Para Platão, o próprio espírito é visto como masculino, sendo o encarne no corpo um descenso, o obscurantismo da clareza intelectual do espírito, que só é puro quando se evade deste mundo material, evidenciando uma espiritualidade que nega o corpo e o mundo (RUETHER, 1974). Um dos aspectos de maior presença do binarismo Platônico na doutrina cristã é justamente a dualidade corpo/espírito nos sermões de Paulo presentes no Novo Testamento.

4. A união dos dualismos no cristianismo

A influência bicultural, grega e hebraica, para a formação do dualismo na doutrina cristã se torna evidente em Paulo ao afirmar “Nisto não há judeu nem grego; não há



servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (BÍBLIA, Gálatas, 3:28).

Esse trecho demonstra o desejo dos cristãos primitivos de na unidade em Cristo superar as diferenças étnico-culturais de superioridade que ambos os povos clamavam para si, além do poder sociopolítico das patrifamílias sobre mulheres e escravos (RUETHER, 2011). No entanto, tendo essa influência bicultural realmente se tornado um no Cristianismo, assim possibilitou também a união de seus caracteres duais dominadores, que por sua vez contribuiu no estabelecimento das bases de uma sociedade androcêntrica e antropocêntrica.

Como já mencionado anteriormente, o dualismo judaico quanto ao binômio cultura/natureza não era tão proeminente quanto o helênico, assim, a forte dualidade corpo/espírito presente no Novo Testamento é mais influência da filosofia Platônica (RUETHER, 1974). A aversão ao corpo expressa na ascese cristã primitiva, por exemplo, não se origina no judaísmo, mas com as congregações de Paulo, que reuniam tanto gregos quanto hebreus (WEBER, 2004).

Paulo, que era judeu, mas tinha familiaridade com a filosofia grega, é talvez o que mais tenha contribuído para a essa união de dualismos. Os sermões de Paulo legitimam no Cristianismo a cosmologia androcêntrica judaica ao afirmar:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão (BÍBLIA, 1 Timóteo 2:11-14).

E embora o dualismo helênico corpo/espírito já vinha se propagando nas congregações cristãs antes de Paulo (RUETHER, 2011), nos sermões atribuídos a ele também foi legitimado:

Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao



outro, para que não façais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, Idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (BÍBLIA, Gálatas, 5:16-25).

Porém, antes de Paulo, quem criou as fundações para a submissão feminina e da natureza no Cristianismo foi o filósofo helenista e rabino Fílon de Alexandria (BERMAN, 1997, RUETHER, 2011) ao interpretar o Gênesis sob uma ótica Platônica, explicando a origem do mal e do sofrimento com o advento da mulher, do corpo mortal e do sexo (RUETHER, 2011).

5. Considerações Finais

Assim, tanto o Judaísmo quanto o pensamento filosófico proveniente da Grécia, sintetizados no Cristianismo, exibem uma tendência a identificar o dualismo metafísico com uma dicotomia de bem e mal (RUETHER, 1992). Isso, por sua vez, faz com que mulheres sejam vistas como mais propensas ao mal (GEBARA, 1997) e a natureza ser condenada (CAMPBELL, 1990). O que une mulher e natureza no Cristianismo é a necessidade de dominá-los.

Esse sistema de dualidades presente no Cristianismo – mas não só nele, em todo o pensamento ocidental – ainda condiciona profundamente a visão de mundo contemporânea, e é uma das causas que devem estar em pauta ao debater-se a crise ambiental global e as reações ainda hostis e temerosas quanto à libertação do corpo, da sexualidade e, principalmente, da mulher.

E por isso, como afirma Joan Scott (1995, p.84), esse dualismo precisa ser desconstruído:



Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual [...] Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica [...] esta crítica significa analisar no seu contexto a maneira como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas.

Contudo, segundo Ruether (1974), devido à histórica associação entre mulher, natureza e todos os outros binômios ligados a ela e que permanecem sendo desvalorizados contemporaneamente, a mulher pode ser a porta-voz de uma humanidade em ascensão que reconcilia espírito e corpo, cultura e natureza, emoção e razão; portanto a identificação entre as polaridades ainda pode ter um papel importante.

Por fim, apesar da contribuição da tradição bíblica ao antropocentrismo e androcentrismo da civilização ocidental, há autores e autoras que defendem uma visão que não necessariamente conteste essa, mas que veja também o potencial para a emancipação da mulher ou a preservação da natureza no judeo-cristianismo

Phyllis Trible (1992) e Elisabeth Fiorenza (1992), por exemplo, reconhecem o patriarcalismo na tradição judaico-cristã, mas afirmam que não é sobre patriarcalismo que essas religiões tratam. Para Trible, a mensagem universalista de salvação é para homens e mulheres, ou seja, àquilo que realmente importa na doutrina não há hierarquia de gênero. Fiorenza percebe o papel excepcional das mulheres no Cristianismo primitivo, que mesmo inseridas em um mundo masculino foram participantes ativas na vida de Jesus e no processo de evangelização após a sua morte.

Já Lynn White Jr. (1966), o mesmo que foi o ponto de partida contemporâneo para as críticas ao Cristianismo quanto à dominação do mundo natural, vê em São Francisco de Assis uma visão cristã alternativa da natureza e da relação humana com ela e até propõe o mesmo como santo padroeiro dos ecologistas.



THE POWER RELATIONS ROOTS OVER WOMEN AND NATURE IN CHRISTIANITY

Summary: For ecofeminism, power relations between men and women, human and nature are connected, as throughout history many cultures symbolically associated the woman with the natural world, and the same is true in Christianity. However, this view in Christianity is rooted in a dualistic system of thought present in ancient Greek philosophy and Judaism. This article seeks to identify and understand in these two formative elements of Christianity aspects which contributed to the construction of a set of beliefs that promotes relationships of power between the masculine/human over the feminine/nature in the Christian tradition. The research concludes that Jewish influence in the formation of Christian anthropocentrism and androcentrism can be found, for example, in cosmogonic reports that introduce an order in opposite pairs and allow human domination over animals and plants, and men over women, besides the set of Mosaic laws that legitimize the oppression of women, animals and land. In turn, the Hellenic philosophy, through the Platonic thought, influenced not only in the work of Augustine of Hippo, Thomas Aquinas and other intellectuals of Christian doctrine, but it is also remarkable in Paul's sermons. As methodology, the theoretical framework is predominantly eco-feminist literature; this paper makes use of bibliographical research and the way to approach is qualitative.

Keywords: Gender; ecology; ecofeminism.

Referências

- ALVES, Ismael Gonçalves; SANFELICE, Pérola de Paula. Sexualidade mítica: as múltiplas faces da feminilidade em Vênus e Maria. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, v. 4, n. 11, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.
- BERMAN, Ruth. Do dualismo de Aristóteles à dialética materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade. In: **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição. São Paulo: Paulus, 1985.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- _____. **Isto és tu**. São Paulo: Landy, 2002.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIORENZA, Elizabeth. Women in the early Christian movement. In: CHRIST, Carol P.; PLASKOW, Judith (org.). **Womanspirit Rising**: A Feminist Reader in Religion. Nova Iorque: Harper Collins, 1992.



- GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- KING, Ynestra. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In: **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature**. London: Routledge, 1993.
- RUETHER, Rosemary Radford. **Religion and Sexism: Images of woman in the Jewish and Christian Traditions**. New York: Simon and Schuster, 1974.
- _____. The biblical vision of the ecological crisis. **Christian Century**. Novembro, 1978, p. 1129-1132.
- _____. Dualism and the Nature of Evil in Feminist Theology. **Studies in Christian Ethics**. vol. 5, nº 1, Abril, 1992, p. 26-39.
- _____. Ecofeminism: Symbolic and social connections of the oppression of women and the domination of nature. In: **Ecological Prospects: Scientific, religious and aesthetic perspectives**. New York: New York Press, 1994.
- _____. **Women and Redemption: A theological history**. Minneapolis: Fortress, 2011.
- SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- TRIBLE, Phyllis. Eve and Adam: Genesis 2-3 reread. In: CHRIST, Carol P.; PLASKOW, Judith (org.). **Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion**. Nova Iorque: Harper Collins, 1992.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. São Paulo: IMESP, Vol. I, 2004.
- WHITE, Lynn Jr. The Historical Roots of Our Ecological Crisis. **Science**, n. 155, 1966, p. 1203-1207.

